

GHOSTWRITING TECNOLÓGICO: A TERCEIRIZAÇÃO DO INTELLECTO E OS LIMITES DA COPRODUÇÃO HUMANO-ALGORÍTMICA

João Batista Soares da Costa Junior¹.

Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Niterói, RJ.

<http://lattes.cnpq.br/3514185117159229>

RESUMO: Este estudo examina as implicações da inteligência artificial generativa na integridade acadêmica, focando especificamente no fenômeno da terceirização do intelecto. A investigação articula uma análise crítica sobre como a simulação de competência algorítmica desafia os fundamentos da responsabilidade autoral e do esforço cognitivo autônomo. Através de uma revisão narrativa de literatura, o trabalho confronta referenciais sociológicos clássicos com os dilemas da governança algorítmica e da pressão produtivista na modernidade contemporânea. Discute-se a fragilização da função autoral e a erosão das habilidades analíticas diante de sistemas que operam sem compreensão semântica ou consciência moral. O objetivo é delimitar os marcos éticos da interação entre humanos e máquinas, defendendo a primazia da atuação humana na pesquisa. Conclui-se pela necessidade imperativa de um modelo de supervisão crítica, juntamente com a implementação de programas voltados ao letramento ético para o uso de IA, no qual o pesquisador assume o papel de curador e mentor das ferramentas digitais. Reafirma-se, assim, que a tecnologia deve atuar estritamente como suporte assistencial, preservando a universidade como espaço de pensamento original, ético e emancipador.

PALAVRAS-CHAVE: Integridade Acadêmica. Ética. Inteligência Artificial.

TECHNOLOGICAL GHOSTWRITING: THE OUTSOURCING OF INTELLECT AND THE LIMITS OF HUMAN-ALGORITHMIC COPRODUCTION

ABSTRACT: This study examines the implications of generative artificial intelligence for academic integrity, focusing specifically on the phenomenon of outsourcing the intellect. The investigation articulates a critical analysis of how the simulation of algorithmic competence challenges the foundations of authorial responsibility and autonomous cognitive effort. Through a narrative literature review, the work confronts classical sociological frameworks with the dilemmas of algorithmic governance and productivist pressure in contemporary modernity. It discusses the weakening of the authorial function and the erosion of analytical skills in the face of systems that operate without semantic understanding or moral consciousness. The aim is to delineate the ethical parameters of interaction between humans and machines, defending the primacy of human agency in research. It concludes with the imperative need for a model of critical oversight, together with the implementation of programs aimed at ethical literacy for the use of AI, in which the researcher assumes the role of curator and

mentor of digital tools. It thus reaffirms that technology must function strictly as an assistive support, preserving the university as a space for original, ethical, and emancipatory thought.

KEYWORDS: Academic Integrity. Ethics. Artificial Intelligence.

INTRODUÇÃO

A ascensão da Inteligência Artificial Generativa (IA Gen.) marca uma das transformações mais profundas na história recente, tanto na sociedade em geral, como na educação superior e na produção de conhecimento científico. Não estamos falando apenas de uma evolução instrumental, mas de uma ruptura ontológica caracterizada pelo crescimento exponencial de dados, informações e possibilidades, no qual o suporte informacional deixa de ser uma ferramenta passiva para tornar-se um agente mediador da intencionalidade discursiva humana. Diante deste cenário, o presente estudo debruça-se sobre o fenômeno do “ghostwriting tecnológico”, termo aqui empregado para definir a delegação de atos cognitivos substantivos a sistemas algorítmicos, resultando em uma terceirização do intelecto que ameaça os alicerces da responsabilidade autoral e da integridade acadêmica.

O cerne do problema reside no paradoxo em torno da competência simulada, onde vemos a capacidade de plataformas de IA Gen. produzirem sínteses e análises complexas de forma instantânea sem possuírem, contudo, compreensão semântica ou consciência moral. Essa limitação, descrita na literatura como a atuação de “papagaios estocásticos”, desafia a noção tradicional de originalidade, vinculada historicamente ao esforço e ao julgamento humano. No ecossistema informacional globalizado, a facilidade de gerar textos coerentes sem domínio real do conteúdo, associado a possibilidade de resultados com vieses discriminatórios ou mesmo resultados provenientes de “alucinações” da IA, pode conduzir a uma erosão de habilidades essenciais, como a análise crítica e a síntese pessoal, transformando o pesquisador em um reproduzidor acrítico de evidências pré-configuradas.

As linhas gerais que norteiam este trabalho perpassam, inicialmente, pela análise da crise da “função autor” sob a ótica de Michel Foucault e a subversão do “habitus científico” de Pierre Bourdieu, onde o prestígio acadêmico passa a ser disputado por meio de um simulacro de saber. Em um segundo momento, discute-se como a “modernidade líquida” e a busca por resultados imediatos favorecem a governança algorítmica do conhecimento, em detrimento da profundidade hermenêutica necessária à ciência. Por fim, é descortinada a essencialidade da análise criteriosa, pautada na ética e embasada por políticas públicas e educacionais a fim de conter tal alarmante situação, pois, somente através do letramento consciente e crítico em relação a IA será possível disseminar seu uso como ferramenta de trabalho e não como substituição das funções humanas.

OBJETIVO

O presente estudo tem por escopo central analisar os desafios impostos pela Inteligência Artificial Generativa (IA Gen.) à integridade acadêmica, com enfoque primordial

no fenômeno da “terceirização do intelecto” (Souza e Dandolini, 2025). Subsidiariamente, diante de um cenário em que as fronteiras entre a autoria humana e a produção algorítmica tornam-se progressivamente difusas, busca-se perscrutar os limites éticos da coprodução humano-algorítmica, investigando como a delegação de atos cognitivos substantivos a sistemas caracterizados como “agência sem inteligência” (Floridi 2023 apud Souza e Dandolini, 2025) compromete os alicerces da responsabilidade autoral e da autonomia intelectual.

Ademais, o trabalho visa identificar as implicações da IA Gen. na “função autor”, sob a ótica de que a automação pode transmudar o pesquisador em um mero curador de um simulacro de competência. Pretende-se, ao final, propor caminhos para a preservação da presença efetivamente humana na pesquisa científica, em consonância com as diretrizes internacionais que defendem o uso da tecnologia como ferramenta assistencial e amplificadora, e nunca como substituta do esforço intelectual humano.

METODOLOGIA

Para a consecução dos objetivos anteriormente delineados, o presente trabalho adota uma abordagem qualitativa de natureza aplicada e fins exploratórios. O procedimento metodológico é pautado pela revisão narrativa de literatura, técnica considerada apropriada para descrever e discutir o estado da arte de um determinado assunto sob o ponto de vista teórico e conceitual, permitindo o levantamento de novas questões e a atualização do conhecimento científico.

O corpus analítico é constituído por um diálogo interdisciplinar que integra a sociologia do campo científico, o direito digital e a filosofia da técnica. Foram mobilizadas fontes primárias e secundárias, incluindo artigos científicos de bases de dados reconhecidas, obras de referência sobre propriedade intelectual e plágio, bem como documentos normativos de relevância global, como a “Recomendação sobre a Ética da Inteligência Artificial” (UNESCO 2021) e o “Guia para a IA Generativa na Educação e na Pesquisa” (UNESCO 2024). A análise fundamenta-se na interpretação crítica da literatura, estruturando-se em eixos temáticos que confrontam os riscos de “alucinações” e falhas informacionais da IA Gen. com a necessidade imperativa de manutenção constante da supervisão crítica humana e da integridade epistêmica no ambiente acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da Inteligência Artificial Generativa no ecossistema da pesquisa científica exige, preliminarmente, a compreensão de que não estamos diante de uma mera evolução instrumental, mas de uma ruptura ontológica profunda nos modos de constituição e transmissão do saber, sendo nitidamente evidenciado que tal ferramenta já se tornou inerente ao cotidiano da sociedade. Como observa Pierre Lévy, as tecnologias intelectuais agem como agenciamentos que contribuem para fazer derivar as fundações culturais que comandam nossa apreensão do real, alterando a própria consciência humana. Com isso,

neste novo milênio, juntamente com todos os benefícios, emerge um conhecimento por simulação, característico da cultura informática, onde a técnica deixa de ser um suporte inerte para se tornar um agente mediador e, por vezes, usurpador, da intencionalidade discursiva e da memória coletiva da humanidade.

Diferente das tecnologias de escrita tradicionais, que exigiam um suporte biológico para a interpretação, a IA Gen. objetiva a memória em dispositivos automáticos que operam de forma quase autônoma. Essa exteriorização radical do pensamento em redes inorgânicas faz com que o sujeito cognitivo se dissolva em uma microssociedade funcional composta por neurônios, algoritmos e instituições. O saber informatizado, portanto, promove um deslocamento do centro de gravidade das atividades intelectuais, onde a exatidão factual e a profundidade hermenêutica perdem espaço para a operacionalidade e para a circulação acelerada de informações que carecem de um referencial subjetivo estável e autêntico.

O Simulacro da Competência e a Crise da “Função Autor”

Podemos descrever o primeiro grande desafio imposto pela IA Gen. Como sendo o “simulacro de competência”, descrito singelamente como a capacidade das ferramentas de gerar textos com alta coesão gramatical e verossimilhança sem, contudo, possuir domínio conceitual ou consciência moral. Luciano Floridi conceitua este fenômeno como “agência sem inteligência”, pois a IA Gen. opera por meio de uma agência instrumental que mimetiza o esforço humano sem compreender a semântica subjacente. Exemplificando, devemos esclarecer que, ao responder a um prompt, o sistema não busca a verdade, mas somente calcula a sequência de palavras estatisticamente mais provável em uma base massiva de dados.

Essa ausência de intencionalidade conduz à metáfora dos “papagaios estocásticos”, descrita por Emily Bender e colaboradores, que alerta para o risco de modelos de linguagem recombinarem conteúdos existentes sem originalidade genuína, operando como meros espelhos de padrões de treinamento (Bender et al. 2021). No campo jurídico já temos evidências de ocorrência de plágio, treinamento de IA Gen. Com obras protegidas por direitos autorais, lides envolvendo “alucinações” (entende-se por alucinação as informações geradas por Inteligência Artificial, factualmente incorretas, mas narrativamente persuasivas) que extrapolaram a revisão humana e, neste ponto, é cabível reforçar que a responsabilidade, em hipótese alguma, recai sobre a máquina, mas sim, sobre o “suposto” autor humano. No campo científico, definido por Pierre Bourdieu como um espaço de lutas por capital simbólico e reconhecimento mútuo, essa automação fragiliza o «habitus científico» (Bourdieu 2004). O habitus, como disposição incorporada do pesquisador para a investigação autêntica, é subvertido pela “terceirização do intelecto”, que permite ao agente acadêmico apresentar resultados sem ter percorrido o esforço cognitivo da síntese e da análise crítica.

Sob a ótica de Michel Foucault, podemos delinear que tal fenômeno tensiona a própria “função autor”, que opera somente como um mecanismo institucional de legitimação e responsabilização do discurso (Foucault 1969 apud Pires e Silva 2025). No

cenário do ghostwriting tecnológico, a autoria torna-se fragmentada e opaca, dificultando a rastreabilidade do saber e a imputação de responsabilidade por erros ou “alucinações”. A “morte do autor” (Barthes 1967), antes uma libertação hermenêutica para o leitor, transmuda-se em uma expropriação da criatividade quando o texto é gerado por algoritmos que não tributam as fontes originais, consolidando o que alguns autores chamam de “plágio sintético” ou automatizado (Quintino et al. 2024; Sampaio et al. 2024).

Por tal motivo trouxemos a terminologia “ghostwriting tecnológico”, visto que a utilização do termo *ghostwriting* define a usurpação consentida da autoria mediante a contratação de um escritor oculto, associado à tecnologia da IA Gen. que, na condição de agência sem inteligência, promove a terceirização do intelecto, consubstanciando no processo que mimetiza a competência humana através de inferência estatística, gerando um simulacro de saber, completamente destituído de consciência moral ou intencionalidade discursiva. Tal prática, como mencionado anteriormente, ainda pode ser agravada pela ocorrência de alucinações factuais e referências inexistentes, que fragilizam a fidedignidade da investigação científica. Assim, o pesquisador abdica de seu protagonismo para tornar-se um reprodutor acrítico como um papagaio estocástico, consolidando e perpetuando a fragmentação da responsabilidade epistêmica.

Modernidade Líquida e a Governança Algorítmica do Saber

A propensão acadêmica à terceirização do intelecto via IA Gen. não ocorre de forma isolada, mas deve ser compreendida dentro das dinâmicas sociais, como descrito por Zygmunt Bauman em sua obra “Modernidade Líquida”, através da caracterização desta fase histórica pela fluidez das relações, pela transitoriedade das estruturas e pelo desengajamento entre o esforço humano e o capital. Nesse cenário, a informação torna-se uma mercadoria volátil, sujeita à imediatidade e ao consumo desenfreado, onde tal invisibilidade é comparada à morte social, impulsionando os pesquisadores a buscarem atalhos tecnológicos para sustentar um regime exacerbado de publicações.

Através deste ponto de vista, temos que a liquidez moderna dissolve as bases sólidas da pesquisa exaustiva em prol de uma imediatidade que desvaloriza a durabilidade do pensamento crítico científico em favor de resultados instantâneos. O capitalismo “leve” e flutuante desvincula a satisfação dos objetivos da duração de qualquer compromisso intelectual profundo, permitindo uma fuga fácil das responsabilidades autorais. Com isso, tem-se dilapidado o trabalho de auto constituição da vida e do saber, antes uma tarefa laboriosa, que se torna fragilizado em um processo de “faça-você-mesmo”. O resultado prático imediato é uma agonia constante quanto à escolha de objetivos, onde a pergunta “o que posso fazer?” domina a ação, minimizando a reflexão ética sobre “como fazer” com integridade.

Esta transição para o consumo imediato de saberes operacionais reconfigura a educação, que deixa de focar na construção interna de conhecimentos para focar na pragmática do acesso a redes digitais. A fragilidade dos laços humanos e a volatilidade

das informações na modernidade líquida transformam o pesquisador em um “turista” do saber, livre para operar escolhas estéticas, mas muitas vezes perdoado por esquecer o compromisso moral com a verdade. A busca por resultados imediatos, sob a pressão de estruturas sociais enfraquecidas, acaba por consolidar a terceirização do intelecto como uma resposta pragmática a uma sociedade que já não tolera o tempo necessário para a maturação reflexiva.

Complementando essa visão, Byung-Chul Han adverte sobre a “sociedade da transparência”, na qual a informação torna-se positiva ao eliminar toda a negatividade do pensamento crítico e do mistério hermenêutico. Para Han, a transparência absoluta não gera confiança, mas a destrói, pois elimina a distância estética e a profundidade necessária para o julgamento sóbrio, nivelando o ser humano a um elemento funcional do sistema. A IA Gen, ao fornecer respostas univocamente claras, atua como uma ferramenta de “violência neuronal”, onde o sujeito, na ânsia por eficiência, torna-se vigilante e carrasco de sua própria decadência intelectual.

A linguagem operacionalizada da IA, destituída de sentido próprio e de fragilidade, acaba por anestesiá-la a reflexão crítica necessária ao progresso científico genuíno. Na “sociedade da exposição”, o valor informativo substitui o valor da verdade, e a acumulação massiva de dados cria uma falsa aparência de clareza que, na realidade, torna o mundo cada vez mais intransparente. O pesquisador, imerso neste “abismo infernal do igual”, corre o risco de perder sua singularidade discursiva, submetendo-se a um sistema totalitário de uniformização onde o pensamento é reduzido a um fluxo puramente aditivo de dados sem direção ou sentido.

Inovação Disruptiva e a Erosão das Habilidades Cognitivas

A aceleração da quarta revolução industrial, como descrita por Klaus Schwab, traz o risco de uma desvalorização sistemática das competências que exigem julgamento e criatividade (Schwab 2016). Algoritmos sofisticados agora podem criar narrativas em qualquer estilo, tornando quase impossível distinguir entre um autor humano e um robô. Nicholas Carr (2020) alerta que quanto mais tempo passamos imersos nessas tecnologias, mais superficiais se tornam nossas capacidades cognitivas devido à fragmentação da atenção e à delegação do esforço de memória.

Essa fragmentação é exacerbada pela “caixa-preta” algorítmica (Pasquale 2015). A obscuridade no funcionamento dos modelos de linguagem compromete a explicabilidade científica, base da validação por pares (UNESCO 2024). Desta forma, sem entender o caminho percorrido pelo algoritmo para chegar a uma conclusão, o pesquisador abdica da sua função de mentor e pode tornar-se um reproduzidor acrítico de evidências produzidas pela máquina. A integridade acadêmica exige, portanto, que se desconfie dos efeitos de neutralidade da IA, reconhecendo explicitamente que os dados podem carregar vieses estruturais que podem ser potencializados por decisões automatizadas sem a devida curadoria.

Governança, Ética e o Princípio “Human-in-the-loop”

Diante de todo cenário descrito, a possível resposta institucional deve transpor a dicotomia entre a proibição e a adoção acrítica. A prevalência da integridade na pesquisa científica exige uma governança algorítmica pautada na transparência e no princípio do “Human-in-the-loop” (humano no circuito) (Schiff 2020; Silva et al. 2024), através do estabelecimento de normas envolvendo a inalienabilidade da supervisão humana crítica direta, transpondo o papel da tecnologia à servir exclusivamente como uma ferramenta assistencial, funcionando como um assistente, rápido e eficiente, porém propenso a “alucinar”, demandando, com isso, revisão sistemática permanente.

As diretrizes globais da UNESCO (2024), as recomendações do COPE (2023), bem como a legislação pátria, reforçam que a IA Gen. nunca pode ser listada como coautora, visto que a autoria exige uma pessoa legalmente responsável e capaz de assumir as consequências éticas e legais em relação ao trabalho. Com isso, a transparência deve ser a “regra de ouro”, cabendo aos autores o dever ético de declarar o uso de IA, detalhando quais seções foram auxiliadas pela ferramenta, garantindo a fidedignidade, a reprodutibilidade e a verificabilidade dos dados.

A inovação verdadeira não reside na repetição mecânica de padrões, mas na capacidade do homem de se situar criticamente diante da técnica (Freire 1996 apud Silva e Kampff 2023). O papel do educador e do pesquisador no século XXI transmuda-se de acumulador de dados para um curador ético, capaz de validar conteúdos e orientar o uso das tecnologias para a emancipação e não para a servidão digital (Morin 2021; Souza e Dandolini 2025). Conforme ensina Paulo Freire, a educação exige a aceitação do novo sob o crivo do rigor metódico, evitando que o fascínio tecnológico eclipse o compromisso com a justiça cognitiva e a autonomia intelectual (Freire 1996). A preservação da agência humana é, em última análise, a única barreira contra a obsolescência da verdade e do pensamento crítico em uma sociedade plataformizada e algorítmica (Harari 2024; UNESCO 2024; Souza e Dandolini 2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões expostas ao longo deste trabalho permitem concluir que a Inteligência Artificial Generativa não se limita a uma inovação instrumental, mas configura uma verdadeira inflexão epistemológica que desafia os marcos tradicionais da produção de conhecimento científico. O fenômeno do “ghostwriting tecnológico”, aqui investigado, revela-se como uma manifestação da “agência sem inteligência”, na qual a simulação de competência estatística ameaça obscurecer a intencionalidade discursiva e a responsabilidade autoral, pilares fundamentais da integridade acadêmica..

A análise dos dilemas éticos evidenciou que a terceirização do esforço cognitivo para algoritmos, descritos como “papagaios estocásticos”, produz um saber inerte e desprovido de historicidade, capaz de gerar “alucinações” e falseamentos que comprometem a fidedignidade da pesquisa, transformando o ato de pesquisar em um processo de resistência

a fim de instrumentalizar tanto docentes, quanto discentes, na necessidade de utilização ética e crítica da ferramenta, expandindo suas possibilidades e não as substituindo.

Diante da ameaça de uma “desaprendizagem” de habilidades fundamentais, como a síntese pessoal e o julgamento crítico, torna-se imperativo que as instituições de ensino superior superem a dicotomia entre a proibição e a adoção acrítica, proporcionando terra fértil para o desenvolvimento equitativo de políticas de incentivo ao desenvolvimento crítico. A resposta aos desafios da governança algorítmica reside na implementação de um modelo integrado que articule normatização clara, transformações pedagógicas e suporte tecnológico formativo. Este modelo deve ser orientado e implementado com bases pautadas pelo princípio da precaução, visando evitar danos irreversíveis à cognição humana e à autonomia intelectual.

Portanto, a preservação da integridade científica na era digital exige que o pesquisador reassuma o seu papel de mentor e curador crítico, protagonize as criações com criatividade, demonstrando suas capacidades de análise e replicabilidade nos estudos desenvolvidos, garantindo que a IA Gen. atue estritamente como ferramenta assistencial e nunca como coautora. A implementação de políticas envolvendo o uso e declaração de IA nas instituições de ensino, bem como a disseminação da cultura ética e moral envolvendo a questão será um passo crucial nos próximos anos. A “alfabetização em IA” deve ser entendida como um direito e uma necessidade política para resistir ao colonialismo de dados e à opacidade presente na forma como as *bigtechs* (grandes empresas do ramo tecnológico) envolvem com obscuridade os processos por trás do desenvolvimento de suas IA's. Em última análise, o futuro da universidade como espaço de emancipação depende da nossa capacidade de integrar o avanço tecnológico sem renunciar ao rigor metódico e ao compromisso ético com a verdade factual, assegurando que o intelecto humano permaneça como o único comandante do processo de construção do saber.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn. **Inteligência Artificial e Educação: Refletindo sobre os desafios contemporâneos**. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/38646/1/Intelig%C3%AAncia%20artificial%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o-repositorio.pdf> Acesso em: 7 fev. 2026.

APARECIDA DOS SANTOS, Leidiane; APARECIDA TEIXEIRA ZIMMERMANN, Jussara; ALVES GUIMARÃES, Ueudison. AINTELIGÊNCIAARTIFICIALNAEDUCAÇÃO. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 3, n. 7, p. e371714, 2022. DOI: 10.47820/recima21.v3i7.1714. Disponível em: <https://recima21.com.br/recima21/article/view/1714>. Acesso em: 7 fev. 2026.

BARCELLOS, Lívia Inglesis; ALBINO, João Pedro. DESINFORMAÇÃO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: IMPACTO DAS ALUCINAÇÕES NA UTILIZAÇÃO DO CHATGPT PARA A ÁREA ACADÊMICA. **ARACÊ**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. e11100, 2025. DOI: 10.56238/arev7n12-164. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/11100>. Acesso

em: 7 fev. 2026.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENDER, Emily M. et al. **On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big?**. [S. l.]: Proceedings of the 2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency, 2021. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3442188.3445922>. Acesso em: 7 fev. 2026.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

COMMITTEE ON PUBLICATION ETHICS (COPE). **Authorship and AI tools: COPE Position Statement**. [S. l.]: COPE, 2023. Disponível em: <https://publicationethics.org/guidance/cope-position/authorship-and-ai-tools>. Acesso em: 7 fev. 2026.

DE SOUZA, J. A.; DANDOLINI, G. A. Inteligência artificial e os desafios à integridade acadêmica: um modelo integrado. **Revista do Instituto Brasileiro de Segurança Pública (RIBSP)**, [S. l.], v. 8, n. 21, p. 35–46, 2025. DOI: <https://doi.org/10.36776/ribsp.v8i21.311>. Disponível em: <https://revista.ibsp.org.br/index.php/RIBSP/article/view/311>. Acesso em: 7 fev. 2026.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25^o Ed. Coleção Leitura. Paz e Terra: 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969..

GONZAGA, Kátia Valeria Pereira; COSTA, Marcos Rogério Martins; LOPES, Izabela Gimenes; FERRARIS, Fausto Klabund; FERREIRA, Deise Mazzarella Goulart; FERREIRA, Marcello. O DESAFIO ÉTICO DA IA NA FORMAÇÃO HUMANA: DIRETRIZES PARA UMA EDUCAÇÃO RESPONSIVA E INCLUSIVA . **ARACÊ** , [S. l.], v. 7, n. 11, p. e10186, 2025. DOI: 10.56238/arev7n11-241. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/10186>. Acesso em: 7 fev. 2026.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Âyiné, 2018..

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017..

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018..

HARARI, Yuval Noah. **Nexus: uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024..

KAUFMAN, Dora. **Desmistificando a inteligência artificial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

KENSKI, V. M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR **Papirus**: 2019. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/kalinke/grupos-de-pesquisa/pdf/2019-1/Tecnologias%20e%20Ensino%20Presencial%20e%20a%20Distancia%20-%20Kenski-2003.pdf/view> Acesso em: 7 fev. 2026.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da**

informática. Editora 34: 1993. Disponível em: [https://www.kufunda.net/publicdocs/As%20Tecnologias%20da%20Intelig%C3%Aancia%20\(Pierre%20Levy\).pdf](https://www.kufunda.net/publicdocs/As%20Tecnologias%20da%20Intelig%C3%Aancia%20(Pierre%20Levy).pdf) Acesso em: 7 fev. 2026.

MALOSSO, Milena Gaion; BENTES, Rosângela Fernandes; FONSECA, Greyciele Cerdeira; MOURA, Jane Márcia Pinto; DOS SANTOS, Ivan Monteiro; DOS SANTOS, Renato Bonifácio. ESTUDO SISTEMÁTICO SOBRE A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA APLICADA AO USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA. **ARACÊ**, [S. l.], v. 7, n. 11, p. e10431, 2025. DOI: 10.56238/arev7n11-343. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/10431>. Acesso em: 7 fev. 2026.

MELLO NETO, Luis Soares de; TASSO, Fernando Antonio (coords.). **Direito Digital e proteção de dados pessoais**. São Paulo: Escola Paulista da Magistratura, 2020.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo**. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2021..

PIRES, Guilherme Moreira; SILVA, Patrícia Cordeiro da. Inteligência artificial na pesquisa acadêmica: potencialidades e desafios. **Infinitum: Revista Multidisciplinar**, v. 8, p. 1–16, 10 Abr 2025 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/infinitum/article/view/26086>. Acesso em: 7 fev. 2026.

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. São Paulo: Edipro, 2016..

SILVA, Marcello; KAMPFF, Adriana Justin Cerveira. **A inteligência artificial generativa como ferramenta educativa**. Porto Alegre: PUCRS, 2023..

UNESCO. **Recomendação sobre a Ética da Inteligência Artificial**. Publicado em 2022 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 7, place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP, França, e Representação da UNESCO no Brasil. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381137_por Acesso em: 7 fev. 2026.

UNESCO. (2023). **Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa**. Publicado em 2024 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura 7, place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP, França, e Representação da UNESCO no Brasil. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000390241> Acesso em: 7 fev. 2026

WACHOWICZ, Marcos. COSTA, José Augusto Fontoura. **Plágio acadêmico**. ISBN 978-85-67141-15-2 Curitiba: Gedai Publicações/UFPR, 2016. Disponível em: https://gedai.ufpr.br/wp-content/uploads/2018/08/plagio_academico_ebook.pdf Acesso em: 7 fev. 2026.